

AS IGREJAS DE CANUDOS

José Calasans

Antonio Conselheiro, que andou pelo centro da Bahia e de Sergipe durante cerca de 25 anos, de 1874 a 1897, foi um grande construtor de capelas. Duas delas ainda existem mantendo as linhas arquitetônicas originais. Uma na cidade de Chorrochó, concluída em 1885, a outra em Crisópolis, obra de 1892. As referidas edificações religiosas demonstram a eficácia do trabalho constante e bem orientado do peregrino Antonio Vicente Mendes Maciel, Conselheiro de alcunha.

No povoado Canudos, pelo peregrino rebatizado com o nome de Belo Monte, ele viveu os derradeiros anos de sua vida. Ali esteve de junho de 93 até 22 de setembro de 1897, quando faleceu. Duas capelas, uma delas inacabada, documentam a faina construtiva do mais estudado *messias* brasileiro. A igreja velha, dedicada a Santo Antonio, ficou pronta no início de 93, tendo sido sagrada pelo padre Vicente Sabino dos Santos, vigário do Cumbe, possivelmente em agosto do referido ano, com uma grande festa popular, foguetório, confissões, batizados e casamentos. Teria sido uma das festividades maiores do povoado famoso. Como, porém, crescia a olhos nus a população do Belo Monte, Antonio Conselheiro providenciou os necessários recursos para aquela que seria a maior e mais importante de suas obras, sob a invocação de Bom Jesus. O jagunço Pedrão ouviu do próprio Conselheiro, pouco antes do início da guerra fratricida dos sertões baianos, que na obra já havia sido despendida a elevada quantia de 14 contos de réis. Temos notícia de que a edificação começara em janeiro de 1894 e ainda não estava concluída quando explodiu o caso Canudos, em fins de 96. A Capela dispunha de paredes muito grossas e os militares que combateram a gente conselheirista consideravam seu levantamento como o de uma fortaleza, à margem do Vaza-Barris, para enfrentar, quando fosse necessário, a “fraqueza do Governo”. E assim realmente sucedeu. A *igreja nova* foi a grande trincheira do

conselheirismo, alvo do bombardeio da pujante artilharia das forças republicanas do general Artur Oscar de Andrade Guimarães. Ficou em escombros.

Embora os historiadores do episódio histórico do fim do século XIX não façam referência a uma terceira capela, ela de fato existia e fora levantada antes da chegada dos seguidores de Antonio Vicente. Era muito pequena e por isso mesmo o Conselheiro, quando numa das suas andanças, por ali apareceu, comprometeu-se com o negociante de couro e de balcão Antonio da Mota, a erguer uma casa de orações bem maior e cumpriu a promessa. Porém a capela primitiva não foi destruída e ganhou a denominação de *Santuário*, com seu primitivo altar e um grande número de imagens católicas. Ao lado do *Santuário* havia um pequeno quarto onde ficou morando o Santo Conselheiro. Aí morreu e foi sepultado pelos fiéis, envolvido numa esteira de tabua, com seu crucifixo, seu camisolão azul, suas alpercatas de couro e seu odor de santidade.